

O EDITORIAL NA SITUAÇÃO DE REDAÇÃO DE VESTIBULAR

Kátia Regina Franco

RESUMO

A proposta central deste artigo é analisar como o gênero discursivo Editorial funcionou em uma situação de redação de vestibular. Por se tratar de um processo discursivo que envolve uma atividade complexa, recorreu-se a diversas teorias (textuais, discursivas, enunciativas, interacionistas), para discutir e pôr em evidência elementos que pudessem fundamentar a análise da inserção e adaptação do gênero Editorial no contexto do vestibular. A partir do pressuposto de que a redação de vestibular constitui um gênero textual-discursivo, investigou-se como o Editorial se realizou em um lugar diferente de sua esfera de atuação. A compreensão dos movimentos dialógico-discursivos para a adaptação genérica operada pelos sujeitos-candidatos foi investigada a partir de *corpus* constituído por redações produzidas no vestibular da Ufes 2006. A análise indicou que a maioria dos candidatos, no processo de adaptação, recorreu ao modo de organização de gêneros opinativos, o que os levou a estruturarem seus textos na forma dissertativo-argumentativa.

Palavras-chave: gêneros textual-discursivos, editorial, vestibular.

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de pesquisa de Mestrado realizada por nós, que buscou investigar como os candidatos do vestibular da Ufes/2006 responderam à proposta de elaborar um Editorial de Jornal solicitado na prova de redação do concurso. Partindo da hipótese de que os candidatos não dariam conta de elaborarem um Editorial de Jornal, nossas questões eram: Que mecanismos os candidatos acionariam para dar conta da proposta? De que forma eles adaptariam os conhecimentos de outros gêneros apropriados ao gênero editorial e, principalmente, numa situação de vestibular?

1. ELEMENTOS INTRÍNSECOS DA INTERAÇÃO VERBAL NO CONTEXTO DA PROVA DE REDAÇÃO DO VESTIBULAR

Com a intenção de continuar a investigar as marcas deixadas pelo autor/ produtor do texto e os movimentos articulatórios de seus argumentos na construção reformulada do gênero de que precisa fazer uso, serão examinados neste capítulo alguns elementos constitutivos da interação verbal no contexto da prova de redação do vestibular.

1.1 - Competências necessárias à produção e à interpretação de textos

Na perspectiva sócio-interacionista da linguagem, conhecer os textos que circulam na sociedade, as suas características e os efeitos que produzem na interação social entre os interlocutores, é condição indispensável para o desenvolvimento da competência discursiva dos usuários/falantes de uma dada língua (BALTAR, 2006). Isso equivale a dizer que, à medida que os usuários da língua constatarem que em cada ambiente discursivo circulam determinados gêneros textual-discursivos, e se apropriam das estruturas relativamente estáveis em suas reais condições de produção como leitores e produtores responsivos, terão sua competência discursiva ampliada.

Para Baltar (2006, p. 34), o indivíduo, entendido como ser socializado, utiliza no domínio da língua fórmulas não-gramaticais já prontas, mas geradas pelas situações de emprego na comunicação.

O manejo dessas fórmulas já prontas pode ser comparado, de uma maneira mais abrangente, com o que Bakhtin (1997) nomeia de estruturas relativamente estáveis da língua. Assim, o domínio do uso de determinados enunciados ou gêneros textuais/discursivos, de acordo com a situação de uso, vai determinar o nível de competência de um indivíduo em uma determinada língua. Essa associação de fórmulas já prontas, enunciados ou discursos permite utilizar o termo *competência discursiva* para se falar desse domínio de um indivíduo sobre a língua. [BALTAR, 2006, p. 37]. (grifo do autor).

Baltar (2006) atribui competência discursiva à capacidade que o falante (usuário da língua, de modo geral) tem de inserir-se numa situação

discursiva estabelecida por instituições que compõem a vida social da comunidade linguística da qual faz parte, manejando os diversos gêneros textuais, conforme a necessidade de interação social do momento.

Maingueneau (2005) considera que “o domínio das leis do discurso e dos gêneros de discurso (a competência genérica) são os componentes essenciais de nossa competência comunicativa” (op. cit. 2005, p. 41). As *leis de discurso* às quais o autor se refere dizem respeito a um conjunto de normas contratadas mútua e tacitamente pelos usuários de uma língua em dada comunidade. O que “entra em ação é um saber *mutuamente conhecido*: cada um postula que seu parceiro aceita as regras e espera que o outro as respeite”. Dentre essas regras (“não obrigatórias e inconscientes como as da sintaxe e da morfologia”), estão os subentendidos, que veiculam conteúdos implícitos exigindo que o interlocutor infira uma implicatura; e os pressupostos, cujos conteúdos estão inscritos nos enunciados, exigindo que o interlocutor capte o dito, o evidente, sem possibilidades de contestação. (op. cit. 2005, p. 31-34).

Tomando a posição e alguns passos analíticos de Rodrigues (2005), que afirma ter se orientado de modo a não apagar a essência da teoria de Bakhtin, buscou-se uma análise dos textos que não os pretendesse como modelos de um gênero, mas que investigasse características recorrentes na constituição de um gênero *nesta* situação de comunicação: a redação de vestibular.

Os gêneros veiculados em um jornal apresentam certos traços em comum, tais como: a interação entre o autor e o leitor não ocorre no mesmo espaço e tempo físicos, nem face a face, mas é mediada ideologicamente pela esfera jornalística; a validade dos gêneros é prevista para um dia; a periodicidade é variável de acordo com cada gênero e cada jornal.

O editorial, por meio do seu autor, tem função avaliativa, a respeito de acontecimentos sociais noticiados no jornal, reconhecida e assumida pelos participantes da interação. O leitor varia de acordo com a classe social, sendo que os jornais cujo público-alvo pertence a classes populares não veiculam editorial.

A perspectiva temática do editorial refere-se a acontecimentos sociais próprios do universo da comunicação jornalística. Os acontecimentos da atualidade motivam a escrita do editorial, sendo esses acontecimentos desencadeadores de crítica e questionamento por parte do editorialista; de anuência e comentário positivo; de recurso argumentativo para o seu discurso; ou de apropriação como ponto de partida na constituição do seu discurso. Com esses elementos de textualização do evento motivador, o gênero editorial de jornal configura-se como uma reação-resposta a esses enunciados da atualidade (o já-dito) e, simultaneamente, busca a reação-resposta ativa do seu interlocutor (BAKHTIN, 1990).

Os outros discursos que o editorialista associa ao seu delineiam a posição de autor que vai se construindo pelo modo de incorporação e interpretação que confere às variadas vozes presentes no seu enunciado, com diferentes valorações. O processo de articulação do discurso do outro com o discurso do autor perpassa todo o editorial, deixando traços estilístico-composicionais que permitem mapear as estratégias da inter-relação de ambos.

Rodrigues (2005) identificou em sua análise dois movimentos de incorporação do discurso de outro. Denominou *Movimento Dialógico de Assimilação*, quando o autor incorpora outras vozes avaliando-as positivamente. No outro modo de incorporação, *Movimento Dialógico de Distanciamento*, percebe-se apagamento, distanciamento, isolamento, desqualificação das vozes às quais o autor se opõe.

Rodrigues (2005, p.178-179) aponta que a relação dialógica entre autor e interlocutor é construída com três movimentos dialógicos básicos: “o movimento de engajamento do leitor ao discurso do autor, o movimento de refutação da possível contra-palavra do leitor e o movimento de interpelação do leitor ao horizonte axiológico do autor”.

Percebe-se o que o leitor é elevado à posição de co-autor do texto, quando o autor usa o movimento de engajamento, tornando o leitor um aliado seu. Já no movimento dialógico de refutação, o autor encobre, antecipadamente, as prováveis reações-resposta de contestação que o leitor poderia contrapor a seu discurso. O autor incorpora ponto de vista contrário ao seu e enquadra-o

de modo refutativo, com o intuito de silenciar os discursos que divergem das suas concepções. No movimento de interpelação, um determinado ponto de vista, o do autor, é apresentado com a única verdade a que o leitor pode aderir. (RODRIGUES, 2005).

Para falar sobre autoria, primeiramente é necessário considerar que a palavra é orientada para um interlocutor, a enunciação é vista como um produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados, o locutor e o ouvinte, ainda que o interlocutor não seja real. Sendo assim, o papel do ouvinte/leitor passa a ser considerado.

Do ponto de vista retórico, conforme Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), a relação interlocutiva que se estabelece em um gênero como o Editorial é a relação orador/auditório. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) admitem que

Todo discurso se dirige a um auditório, sendo muito frequente esquecer que se dá o mesmo com todo escrito. Enquanto o discurso é concebido em função direta do auditório, a ausência material de leitores pode levar o escritor a crer que está sozinho no mundo, conquanto, na verdade, seu texto seja sempre condicionado, consciente ou inconscientemente, por aqueles a quem pretende dirigir-se. [PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.7].

Concebendo esta inter-relação entre orador e auditório, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 7-9) concordam com a posição da retórica clássica de que “o orador é obrigado a adaptar-se a seu auditório”. No entanto, põe em questão o fato de algumas argumentações poderem “ser dirigidas a toda espécie de auditório”. Então, como definir o auditório a que se dirige? Em primeiro lugar, é necessário definir a concepção de auditório. Perelman (2005, p. 22), define “auditório como o *conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação*”.

Perelman e Olbrechts-Tyteca apresentam três tipos de auditório:

O primeiro, constituído pela humanidade inteira, ou pelo menos por todos os homens adultos e normais, que chamaremos de auditório *universal*; o segundo formado, no diálogo, unicamente pelo *interlocutor* a quem

se dirige; o terceiro, enfim, constituído pelo *próprio sujeito*, quando ele delibera ou figura as razões de seus atos. [op. cit. 2005, p.33-34]. (grifos dos autores).

A importância do auditório universal é respaldada pelos elementos que o constituem e pelo acordo em aprovarem unanimemente certas opiniões. “*O acordo de um auditório universal não é, portanto, uma questão de fato, mas de direito.*” (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 35) [grifos dos autores]. Os autores realçam a presença de um auditório particular, “ouvinte ativo do diálogo ou um ouvinte silencioso a quem o orador se dirige”. A visão de um auditório particular constitui-se pela encarnação de um único ouvinte que representa “um grupo do qual é o delegado, o porta-voz, em cujo nome ele poderá tomar decisões” ou, ainda, quando é “considerado uma amostra de todo um gênero de ouvintes” [grifos nossos]. (op. cit. 2005, p. 44).

2. ANÁLISE DE UMA AMOSTRA DE REDAÇÕES SOB O GÊNERO EDITORIAL

No trabalho de pesquisa de mestrado, tomou-se o Vest/2006, da Ufes, para selecionar as redações que compuseram o *corpus* de análise. Inicialmente foram analisadas 45 (quarenta e cinco) redações, sendo 09 (nove) de cada um dos 5 (cinco) cursos - Letras-Português, Comunicação Social-Jornalismo, Medicina, Engenharia da Computação e Física - todos do turno diurno, com notas variando em baixas, médias e altas. Após essa análise inicial, foram selecionados 10 (dez) textos como amostra para uma análise mais detalhada. Em relação à nota, cabe lembrar que a nota divulgada é global, isto é, somam-se os pontos resultantes das avaliações feitas sobre as 03 (três) propostas respondidas pelos candidatos. Neste estudo, não nos preocupamos com a quantidade de textos a serem analisados, visto tratar-se de uma pesquisa qualitativa. Para este artigo, foi selecionado um exemplar de cada uma das três categorias encontradas e distinguidas para fins de análise.

A proposta de redação da Ufes/2006 teve peso máximo de 10,0 (dez) pontos, distribuídos pelas três propostas apresentadas no processo seletivo, a saber:, um relato (3,0 pontos) e um cartão-postal (3,0 pontos).

A 3ª questão, a escrita de um editorial de jornal (4,0 pontos), abaixo transcrita, teve um breve análise:

3ª QUESTÃO (4,0 pontos)

Haiti

Quando você for convidado para subir no adro,
da Fundação Casa Jorge Amado

Pra ver do alto a fila de soldados, quase todos
pretos, dando porrada na nuca de malandros
pretos, de ladrões mulatos e outros quase
(E são quase todos pretos)

E aos quase brancos pobres como pretos

Como é que pretos, pobres e mulatos

E quase brancos quase pretos de tão pobres

São tratados (...).

Não importa nada:

Nem o traço do sobrado,

Nem a lente do Fantástico,

Nem o disco de Paul Simon

Ninguém, ninguém é cidadão.

(Caetano Veloso e Gilberto Gil, 1994)

“Lançada pelo IBGE em junho de 2003, a Síntese dos Indicadores Sociais 2002 apresenta a sociedade brasileira no seu retrato mais perverso e desumano. Comprova que do 1% mais rico da população, 88% são de etnia dominante, - indo-europeus e outras *etnias brancas* -, enquanto, entre os 10% mais pobres, quase 70% se declaram de cor preta ou parda. O 1% mais rico da população acumula o mesmo volume de rendimento dos 50% mais pobres e os 10% mais ricos ganham 18 vezes mais que os 40% mais pobres.”

(Mir, Luis. *Guerra Civil: estado e trauma*. São Paulo: Geração Editorial, 2004, p.81.)

A orientação para a escrita do texto é dada pelo enunciado da questão:

Imagine a seguinte hipótese: você está inaugurando um jornal de uma Organização Não Governamental – ONG – voltada para a questão da injustiça social no Brasil.

Tendo em vista a canção Haiti, de Caetano Veloso e de Gilberto Gil, e a citação estatística de Luis Mir, escreva o editorial de inauguração do referido jornal.

(Caderno de Redação, VestUfes 2006, 3ª questão).

Observamos que o tema a ser desenvolvido nos é apresentado em conexão dialógica entre gêneros distintos, pois os textos – música e excerto de um livro – possuem um mesmo eixo temático; este, no nível objetivo e estatístico/informativo; e aquela, no nível subjetivo e artístico. Ambos com a função de subsidiar a abordagem do tema, considerando-os como domínios bem mais próximos da realidade dos vestibulandos em oposição ao gênero solicitado – editorial – para o atendimento da proposta.

Propusemos como metodologia para análise a observação da elaboração da imagem e do lugar social ocupados pelo Autor institucional que o vestibulando deverá representar, e dos movimentos dialógicos que orientam seu interlocutor ao seu horizonte axiológico.

No próximo tópico, apresentaremos um exemplar de cada uma das categorias de redações analisadas.

Exemplo nº 1- Categoria Dissertação Escolar

A segregação populacional e a violência são apenas algumas marcas de um problema mais amplo que aflige a sociedade brasileira: a injustiça social. De um lado, a elite detentora de privilégios; de outro, uma enorme parcela de indivíduos excluídos do direito de exercer, de fato, a cidadania brasileira. Um cenário como esse, atros, só nos pode levar à análise das causas desse entrave, como forma de propor soluções adequadas.

Não há muita dúvida de que a história do Brasil foi inicialmente construída em torno de um colonialismo escravista, tão responsável por polarizar a população, sobretudo no contexto da busca pelo lucro. O problema dessa situação, cabe ressaltar, foi que o desenvolvimento das relações capitalistas não colocou fim à injustiça oriunda do período colonial, somente a intensificou. Inclusive, é importante destacar que o advento da república foi responsável por criar uma falsa noção de democracia, na medida em que o Brasil ainda sofre com impasses, tais como a descrença na representatividade política e a falência das instituições públicas, no

combate aos problemas sociais. Como consequência, aumenta o número de “falsos cidadãos”, pessoas incapazes de perceber, por exemplo, que a compra dos seus votos e que a crença em mecanismos paliativos, como forma de solucionar a crise social, constituem barreiras do exercício da democracia plena e à erradicação da injustiça.

Em últimas palavras, é essencial que a população brasileira enxergue no andamento político nacional a chave para a resolução de quaisquer problemas que afligem a esfera pública. Afinal, somente por meio da luta pelos direitos humanos conseguiremos pôr fim à desigualdade que tanto limita a liberdade do cidadão brasileiro.

Num sentido mais amplo, na redação de número 1, o autor assume explicitamente a responsabilidade pelo intuito discursivo e pelo estilo do todo do texto, ao se apropriar de uma postura de autoria sócio-histórica e culturalmente pré-construída. De modo mais específico, a marca de autoria e o acento de valor são percebidos na adjetivação atribuída ao “cenário atrás” (1º parágrafo). A postura ideológica é representada na visão de uma sociedade bipartida em “elite detentora de privilégios” e “uma enorme parcela de indivíduos excluídos” (1º parágrafo). Esse paradoxo reforça o argumento de que a escravidão forjou uma cultura de explorados-exploradores que, num editorial inaugural de uma ONG, deveria ser explorado em termos de transformação como “a chave para a resolução de quaisquer problemas que afligem a esfera pública” (último parágrafo).

As expressões “cabe ressaltar”, “é importante destacar” e “é essencial” (3º parágrafo) orientam, por meio do movimento dialógico de interpelação (RODRIGUES, 2005), para o convencimento da verdade defendida, complementada pelo verbo na 1ª pessoa do plural “conseguiremos” no acabamento do discurso, pelo qual o Autor busca a concordância e a co-autoria de seu interlocutor.

Do ponto de vista retórico, o Autor criou a imagem do seu interlocutor com base na noção de auditório universal (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2005), na medida em que se volta para questões históricas como verdades universais aceitas por um grupo seletivo, seus interlocutores, para aferir confiabilidade em seus argumentos.

A autoria é marcada pelo processo de impessoalização do sujeito, em que não há marcas linguísticas que denunciavam a presença de um “quem” fala, como os pronomes *eu* ou *nós*. A marca de autoria, no entanto, é percebida nos comentários, nas avaliações do Autor, na seleção do vocabulário, no interdiscurso.

Em suma, esse exemplar do primeiro bloco de redações, apresentou textos do tipo dissertativo-argumentativo, nos moldes da dissertação escolar: o auditório é universal, o Autor-orador é racional e os modos de organização textual-discursivo é mais argumentativo.

Exemplo nº 2

Categoria Híbrida (Dissertação escolar e Editorial de Inauguração)

O quadro de injustiça social no Brasil, atrelado a divisão de classes que se acentua mais e mais, está envolto a questões enraizadas e mascaradas na cultura brasileira, como o racismo.

Segundo dados do IBGE, lançados em junho de 2003 a qual a Síntese dos Indicadores Sociais de 2002 apresenta o quadro em que de 10% da população mais rica 88% são de etnia caucasiana e em contrapartida, dos 10% mais pobres, 70% se declaram negros ou pardos revelam a segregação racial existente.

Mas essa análise exige abordagens mais profundas. Não pode ser compreendida apenas pelos parâmetros econômicos e conjunturas atuais. A desigualdade social atrelada a segregação racial é fruto de um processo histórico, a tardia abolição dos escravos e a nenhuma estrutura oferecida a estes o que provocou uma distinta separação não só de ricos e pobres, mas junto a isso, brancos e negros que neste aspecto raramente se juntam.

Não há como, diante das perversidades que o sistema vigente apenas aumenta, manter intacta algumas “verdades” já enraizadas e é com o intuito de um processo de desmitificação. Da pornografia não denunciada, que são as desigualdades sociais assim como o racismo, mascaradas por uma ideologia que nos faz crer sermos todos iguais é que inaugura-se este jornal.

De modo geral, uma primeira leitura da redação nº 2 demonstra a tentativa de desqualificar um discurso vigente, conhecido coletivamente, mas não

explicitamente citado no texto do candidato. Isso pode ser observado, por exemplo, no uso de adjetivos (“enraizadas”, “mascaradas”, “intactas”, “tardia”), dos substantivos com conotação negativa (“perversidades”, “pornografia”), nas expressões valorativas (“se acentua mais e mais”, “questões enraizadas e mascaradas”, “mascaradas por uma ideologia”) e o uso de aspas em “verdades” acusando o descrédito do discurso implícito que perpassa todo o texto.

Num olhar mais atento, o movimento dialógico de distanciamento (RODRIGUES, 2005) é voltado para um discurso indiretamente contestado, que poderia ser resgatado no 3º parágrafo “não pode ser compreendida (a segregação racial) pelos parâmetros econômicos e conjunturas atuais.”

O movimento de refutação é marcado pelo operador argumentativo “mas”, introdutório do 3º parágrafo (“mas essa análise exige abordagens mais profundas”) e nos enunciados opostos, ao final do mesmo parágrafo, (“não só de ricos e pobres, mas junto a isso, brancos e negros que neste aspecto raramente se juntam”).

O intuito discursivo é construído ao longo do texto e acabado no último parágrafo exigindo a co-autoria do interlocutor, pelo movimento de interpelação (RODRIGUES, 2005), compelido a aceitar como verdade única o fato de que “não há como, diante das perversidades que o sistema vigente apenas aumenta, manter intactas algumas “verdades” já enraizadas”.

O movimento de engajamento do leitor (RODRIGUES, 2005) encerra o discurso com leitor e autor co-autores do horizonte axiológico marcado pelos pronomes *nos*, *todos* e pelo verbo na 1ª pessoa do plural *sermos*.

A tentativa de simulação da proposta é marcada ao final do texto com a expressão verbal de que se trata de uma inauguração de jornal. No entanto, o objetivo do jornal fica implícito, pois o Autor ocupou-se em opinar sobre o tema e arregimentar dados estatísticos fornecidos no texto-base e fatos históricos de conhecimento partilhado entre os interlocutores para sustentar seus argumentos.

Para concluirmos a análise desse exemplar do segundo bloco de redações, observamos que o texto se aproxima muito do primeiro bloco: o auditório

é universal, o Autor é racional e o modo de organização (as sequências) é mais argumentativo. A diferença é que, nesse segundo bloco, momentaneamente o autor é institucionalizado e o texto se situa em um contexto de introdução de um veículo jornalístico. Estruturalmente, eles são muito parecidos, com a introdução da questão problemática, a apresentação de uma tese, desenvolvimento e uma conclusão. As sequências são basicamente descritivas, explicativas e argumentativas.

Exemplo nº 3

Categoria Editorial de Inauguração (ou de Apresentação)

Caro leitor,

Nada seria mais correto do que abrir este jornal tratando da desigualdade. Ela, que nos faz seres peculiares, capazes de reagir de diferentes formas a situações adversas; ela, que nos torna únicos, ao mesmo tempo em que explicita nossa capacidade de se deixar levar, de fazer tudo igual aos demais. É inconcebível que, no início do século XXI, em nossa sociedade continuem existindo as mesmas distinções de dois, três séculos atrás, quando se julgava uma pessoa pelo seu tom de pele. Esse julgamento errôneo gerou, além do preconceito, a má distribuição de renda que se configura hoje, não só no Brasil, como também em outros países da América Latina e da África.

O *Áurea* está sendo lançado como um meio de discussão de todas essas questões; também, como uma porta para todas as iniciativas, que, muitas vezes, acabam se perdendo por falta de recursos, instruções, ou até mesmo apoio. E é para garantir esse apoio que existem instituições como a Zumbi, ONG responsável por diversos programas de inclusão social em comunidades carentes.

Sinta-se à vontade para discutir, debater, questionar, agir. Porque, para nós, não importa se você é branco, preto, pardo ou amarelo. Muito menos se tem dinheiro ou não. Aqui, o mais importante é a vontade de lutar, de modificar essa situação. Sua liberdade já foi garantida, e você pode ir muito mais além do que imagina.

A construção do discurso da redação de nº 3 teve como pano de fundo o movimento dialógico de assimilação (RODRIGUES, 2005) por, implicitamente, concordar com o acento valorativo dos textos-base. Ao

mesmo tempo, explora a “desigualdade” como positiva na afirmação de cada cidadão.

Por todo o texto perpassa a idéia de preconceito, má distribuição de renda e indignação com julgamentos baseados na cor da pele. No entanto, a maior sustentação do argumento (a desigualdade é importante para a identidade) é feita pelo movimento de engajamento (RODRIGUES, 2005).

Já no início do texto, o Autor se dirige ao leitor como se estivesse falando específica e unicamente para ele, só com ele. E, como se falassem de uma mesma posição valorativa, em uma relação de concordância, usa as expressões “nos faz”, “nos torna”, “nossa capacidade”, “nossa sociedade” visando à adesão de seu interlocutor ao seu discurso. (1º parágrafo).

No tocante à estrutura, o Autor imprimiu ao texto as marcas linguístico-sintáticas que caracterizam o Editorial como um texto opinativo e argumentativo. Em termos de autoria, não imprimiu marcas que denunciassessem uma pessoa, ou seja, utilizou a terceira pessoa.

A conclusão dá voz ao leitor, tendo como estratégia discursiva o movimento de engajamento (RODRIGUES, 2005), para “discutir, debater, questionar, agir”, como se todas as opiniões desiguais pudessem ser aceitas como verdades e o leitor pudesse ser um autor com “liberdade (foi) garantida”. Os pronomes “nós” e “você” reforçam a posição de aliado, de concordância entre interlocutores, bem como o advérbio de lugar “aqui”, marca espaço-temporal comum a ambos, leitor e Autor.

A estrutura do gênero apresenta uma organização mais próxima do expositivo do que do editorial, o que permite situá-lo em uma forma de editorial de apresentação. A marca mais visível desse flagrante é a saudação inicial “Caro leitor”, que explora a familiaridade com seu auditório particular.

Em oposição aos blocos primeiro e segundo, esse terceiro bloco apresenta uma configuração diversa do protótipo da dissertação tipicamente escolar. O auditório é particular, o Autor é sempre institucionalizado e, talvez o aspecto mais importante, o texto é menos argumentativo, mais expositivo-descritivo, configurando-se como uma apresentação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em primeiro lugar, consideramos o pedido de elaboração de Editorial de Jornal para avaliação em um concurso de vestibular uma proposta bastante sofisticada, por exigir do candidato a transformação de dois gêneros (literário e informativo) em um terceiro gênero (Editorial de jornal). O agravante nessa sofisticação, a nosso ver, é que, conforme já mencionada na análise da proposta, os dois gêneros que compuseram a coletânea, a música *Haiti* e o fragmento do texto informativo com a apresentação de dados estatísticos são gêneros familiares aos candidatos. Em contrapartida, o gênero que eles deveriam construir, não é.

Em segundo lugar, pensamos que alguns gêneros padronizados como editorial e laudo médico são de domínios profissionalizados que requerem conhecimentos técnicos específicos adquiridos no Ensino Superior. O Ensino Médio deve colocar seus alunos em contato com a maior diversidade possível de gêneros, o que não é garantia de que darão conta de escreverem qualquer gênero.

Conforme as análises realizadas, os candidatos, na maioria das vezes, não faziam referência à proposta de forma plena. Uns ignoravam-na completamente e outros se referiam a ela parcialmente.

Outro ponto importante foram os esquemas de adaptação do gênero à situação de vestibular acionados pelos candidatos. A ânsia de atender à proposta fez com que outros modelos de editoriais emergissem. Textos iniciados com "Caro leitor", característica típica de editorial de revistas, e outros textos que expõem o trabalho de dada instituição ou de partido político, de um político, como os editoriais constantes em boletins informativos.

Esses dados revelam haver, neste caso, uma distância entre a proposta de redação elaborada pela Banca – o que ela tenta construir, simular – e os textos produzidos. Os candidatos não seguem exatamente à proposta, mas à orientação escolar de produção de um texto dissertativo.

Concluimos, diante desse quadro, que a solicitação específica de um gênero (cartão-postal, editorial de jornal, artigo de opinião, conto, etc.)

nas propostas de redação de vestibular parece centrada na tendência atual de apreensão dos gêneros textual-discursivos que circulam socialmente. Pensamos que importância maior deveria ser dada à competência discursiva que o candidato possa demonstrar no trabalho linguístico-discursivo empreendido.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão G. Pereira, Martins Fontes, São Paulo, 2000 [1953].

BALTAR, M. A. *Competência discursiva e gêneros textuais: uma experiência com o jornal de sala de aula*. Caxias do Sul: EDUCS, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique, *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha, 3. ed. – São Paulo: Cortez: 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: Org. DIONÍSIO, Ângela Paiva, MACHADO, Anna Rachel, BEZERRA, Maria Auxiliadora, *Gêneros Textuais e Ensino*, Editora Lucerna, Rio de Janeiro, 2003.

_____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: *Gêneros textuais: reflexões e ensino / Acir Mário Karwoski, Beatriz Gaydeczka, Karim Siebeneicher Brito (orgs.) – 2 ed. Ver. E ampliada. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.*

PERELMAN, Chäim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução: Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. – 2ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2005 [1992].

RODRIGUES, Rosangela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: *Gêneros: teorias, métodos, debates / J.L. Meurer, Adair Bonini, Desirée Notta-Roch, organizadores. – São Paulo: Parábola Editorial, 2005.*

SCHWENEULY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: *Gêneros orais e escritos na escola/ tradução e organização Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro. – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.*